

OS MUNDOS TRANSITÓRIOS

J. HERCULANO PIRES

Nós já tratamos da trindade universal, que é fundamental no espiritismo. Espírito e matéria são elementos fundamentais no universo. Tratamos da escala dos mundos, da posição cósmica do espiritismo. Tratamos dos problemas relacionados com o espírito e não apenas restringindo-os a Terra, mas, mostrando a sua projeção no infinito, considerando a humanidade não como terrena, mas, como cósmica: a humanidade existente nos diversos mundos povoados no infinito.

Vimos que, na escala dos mundos, existe uma classificação importante, porque muita gente pensa que nós afirmamos que todos os mundos do infinito são habitados e que são habitados por criaturas humanas como nós. Essa classificação é importante para mostrar que não é assim, que estamos nos referindo aos mundos transitórios. Esses mundos transitórios são mundos despovoados, mundos que não são habitados não dispõem de atmosfera, não dispõem de vida.

Naturalmente, a classificação dos mundos transitórios está incluída na classificação geral de mundos primitivos. Então, esses mundos transitórios também podem ser encontrados em mundos com atmosfera, com vegetação e vida animal, mas ainda sem a vida humana. Verificou-se positivamente que a lua não tem vida, não tem elementos vivos. Muita gente pensou que isso iria contra a teoria da pluralidade dos mundos habitados no espiritismo. E não vem, porque a teoria da pluralidade dos mundos habitados não é absoluta. Ela inclui diversos tipos de mundos, desde os mundos primitivos até os celestes. Há uma progressão grande de desenvolvimento.

Depois, nós procuramos estudar como se processa a evolução dos mundos. Foi o que nós fizemos na nossa conversa anterior. Agora, nós vamos tratar do princípio vital claramente importante. O problema do princípio vital está bastante relacionado com a mediunidade e com os problemas mediúnicos. Mas, se houver alguma coisa que precise ser conversada melhor sobre o problema da evolução dos mundos, nós podemos tratar disso. Já tratamos aqui dos mundos primitivos, das expiações, dos mundos de regeneração, dos mundos felizes, até atingir o plano superior dos mundos celestes ou divinos. Se ficou alguma coisa pendente, vamos reexaminar.

Os mundos celestes ou divinos são ainda muito materiais?

De acordo com a doutrina espírita, espírito e matéria estão presentes em todo universo. São elementos fundamentais no universo. E a matéria é uma decorrência do espírito. Nós podemos dizer que a criação se processa de maneira não apenas contínua, mas seqüente. Deus cria o espírito. O espírito, por sua vez, tem poder criador, ou seja, recebe-o de Deus. Esse poder criador do espírito manifesta-se primeiramente de uma forma que nós poderíamos chamar não de mecânica, mas de dinâmica. Do próprio espírito, do seu poder criador, dimana, por assim dizer, aquilo que se chama matéria. Então, a matéria é uma espécie de emanção do espírito, assim como se considera, em geral, que a criação do espírito é a emanção de Deus. São figuras que nós não podemos conhecer naturalmente, esses planos são completamente abstratos, fora da nossa proximidade de verificação real, de verificação positiva, concreta. Nós não podemos saber com exatidão como

as coisas se passam. Então, há várias formas simbólicas, alegóricas, de se interpretar esses fatos.

Ora, sendo assim, o espírito produz naturalmente a matéria e, hoje, já foi possível provar cientificamente essa produção da matéria. A teoria física de que a matéria é uma condensação de energia significa que a energia existe não do ponto de vista sistemático, cronológico, mas, existe no nosso pensamento antes da matéria. Essa energia, por motivos vários, pode se concentrar. Ao se obter uma concentração de energia, produz-se a formação da matéria.

A matéria enquanto concentração de energia, não obstante se pense que ela forme uma coisa concreta, opaca – porque é como nós vemos as coisas materiais – ela não é assim. Isso é apenas uma aparência para nós.

Nós sabemos que a matéria é constituída de átomos. Basta isso para mostrar que naquilo que existe e que parece de natureza compacta há uma infinidade de espaços vazios. E os estudantes de física sabem muito bem que o espaço vazio entre uma partícula do átomo e o núcleo, por exemplo, é um espaço muito maior do que a medida da medida da partícula, ou seja, a medida do núcleo. Em outras palavras, como no sistema solar, há um espaço enorme, como a distância entre a lua e a terra, como a distância entre os planetas e o sol. É muito superior à dimensão de qualquer um desses corpos. Então, há mais espaço vazio do que ocupado na matéria A matéria pela condensação de energia.

Então, compreendendo isso, nós vemos que essa concentração da matéria é um processo verdadeiramente dinâmico, porque a concentração da matéria não produz uma situação estática na matéria, mas, sim, uma situação dinâmica. Um pedaço de pedra, um grão de areia, um fio de cabelo, são verdadeiros turbilhões atômicos. São verdadeiras

galáxias no espaço. Podemos dizer que um fio de cabelo pode ser comparado a uma galáxia. Isso já nos mostra a complexidade tremenda dos problemas que nós temos de enfrentar, mais ou menos de maneira esquemática, para podermos compreender tudo isso.

Nesse sentido, eu poderia dizer que, nos mundos celestes, existe matéria, mas matéria num estado que, para nós, não seria matéria. É aquela tese espírita de que a matéria varia, em seus estados, de maneira infinita. Nós não sabemos até onde vai essa variação. Ela existe em espaços que, para nós, são palpáveis, ponderáveis. Nem mesmo com os mais aprimorados instrumentos, nós não podemos perceber e nem captar esse tipo de matéria. Daí aquela proporção espírita de que também não existe o vácuo, não existe o nada. Quando falamos no vácuo, nós estamos denunciando um conceito relativo, não absoluto. Porque o que é vácuo para nós é aquilo que contém forças e elementos que escapam aos nossos sentidos. E escapam aos nossos aparelhos, aos nossos instrumentos de captação. Então, temos a impressão de que ali, naquele local, por dentro daquele objeto ou coisa semelhante, daquele vaso onde se fez o vácuo, por exemplo, daquela ampola que produziu o vácuo, ali não existe nada. Ali existem forças que somente agora estão sendo possíveis perceber; não diretamente, mas, através de sintomas, de conseqüências dessas forças produzidas em campos acessíveis à nossa percepção através de instrumentos.

Então, não há o vácuo em parte alguma. Em toda parte, nós temos a relação espírito matéria. Mas a matéria nos seus estados mais refinados, por exemplo, nos mundos felizes ou nos mundos celestes assim designados por sua natureza, por se destinarem à vida de espíritos que nós chamamos de espíritos puros, purificados. Espíritos que realmente, em qualquer

religião, são considerados como santos; na antiguidade mitológica, considerado como deuses. Esses espíritos puros vivem, então, em mundos onde a natureza da matéria torna-a, para nós, invisível, impossível de ver, de captar, de apalpar ou coisa semelhante. Ali temos o limite matéria. Mas, isso é uma expressão nossa, é uma posição nossa em termos de observação. Não é a realidade.

Aliás, não faz muito tempo, saiu um livro muito curioso, de três físicos russos, chamado: *Os sete quadros do cosmos*. Esse livro foi traduzido na própria Rússia, por aquele departamento oficial de línguas estrangeiras. Não houve tradução em português, porque parece que o português não figura lá nesse departamento. Está restrito a uma pequena parte do mundo, e eles se dedicam às línguas mais divulgadas. Mas, há uma tradução em francês muito bonita e clara, e nela, os físicos, que são físicos atuais, da era espacial, mostram os resultados de sondagens no espaço, feitas através dessas sondas espaciais enviadas como instrumentos pelo cosmos.

Essa remessa de sondas espaciais, que nem sempre são noticiadas, comentadas, faz parte de uma programação que tem sido executada muito intensamente de. Elas não têm grande repercussão, porque se trata de sondas interessadas em pequenos problemas, problemas que, para nós, parecem diminutos, só que para a ciência, têm grande importância. E os resultados dessas sondas espaciais trouxeram uma contribuição muito importante para o esclarecimento do problema científico do vácuo. Isso me chamou muita atenção, por causa visão espírita, por observar até onde havia coincidência, que é perfeita, é plena.

Os cientistas chegaram à conclusão de que não existe o vácuo. As sondas vão penetrando o cosmos e enviando dados, às

vezes de uma distância enorme. Esses dados captados, depois desaparecem, não há mais captação possível.

Os dados são muito valiosos porque abrangem uma extensão enorme do cosmos. E a confusão deles é essa. A confusão física. Não existe o vácuo em parte alguma. Não existe o nada. O nada é apenas uma distração mental. Nada mais que isso. Não existe o nada em parte alguma. O universo é pleno, é cheio de forças em toda parte. Agora, variando naturalmente as condições.

O curioso é que quando eles falam nos sete estados do cosmos, eles analisam precisamente os sete estados da matéria. As sete formas, de acordo com o que eles pensam, são matérias que se tornaram acessíveis na investigação científica atual. E a gente sempre relaciona isso com certas passagens antigas, que mostram principalmente o quanto de intuição o homem trouxe a terra na sua encarnação e quanto as intuições realmente revelam, às vezes, coisas que somente muito mais tarde vão ser provadas. É o problema dos sete véus de Ísis. Basta recorrermos à mitologia, para ver que nela nós encontramos uma porção de previsões feitas em forma de símbolos. Os sete véus de Ísis coincidem com os sete estados do cosmos, os sete véus da matéria, envolvendo uma realidade que nós ainda não conhecemos.

Haveria um relacionamento com os sete cosmos do homem?

Eu acho que há um problema entre os sete estados do cosmos e estes sete véus de Isis, e também com o número sete, porque o sete é um número cabalístico. No judaísmo, por exemplo, tudo é setenário: aquele famoso sol de sete braços, as sete pragas do Egito e assim por diante. O número sete é um número mágico. Então, naturalmente, os indivíduos que

estudaram o problema do homem chegaram à conclusão de que existem os sete corpos. São os videntes antigos.

Mas, nós sabemos que, no espiritismo, o homem tem apenas dois corpos. O corpo material e o corpo espiritual. Fora do corpo espiritual, o que ele tem é a sua essência o espírito. Nós podemos dizer que o espírito tem naturalmente o seu próprio corpo, que não é o corpo espiritual que nós chamamos, porque esse corpo espiritual é um elemento de manifestação do espírito. Mas, o corpo do espírito, nós não sabemos como é. Corpo no sentido de estrutura, porque o espírito é uma inteligência. O espírito é essencialmente, fundamentalmente mente. A mente, entretanto, tem a sua estrutura, dentro da qual ela funciona.

Kardec, no *Livro dos Espíritos*, mostrou que esse problema é um problema que está ainda fora do nosso alcance. Porque, quando ele perguntou ao espírito se o espírito purificado, livre dos corpos, tinha forma, o espírito respondeu: "Para nós, sim. Para vós, não". Para eles, espíritos têm forma. Para nós, não têm.

A filosofia fala muito num mundo sem forma. O mundo dos sem-formas. É um mundo onde não há formas. Eu acho isso relativo: não há formas para nós, para nossa percepção.

Essa resposta dos espíritos foi bem esclarecedora. Kardec insistiu: "Mas, se nós pudéssemos ver um espírito puro, como nós o poderíamos ver?" Ele respondeu: "Como uma centelha etérea. Nada mais que isso". A única coisa acessível à nossa percepção seria aquele esplendor, aquele brilho do espírito e nada mais.

Então, o problema, por exemplo, na teosofia, é um problema referente às várias funções humanas. Existe não somente o corpo, que eles chamam de astral, que é para nós o perispírito. O corpo astral é o corpo espiritual, como falava

o apóstolo Paulo. Mas, além desse corpo astral, há o corpo mental, o corpo emocional, o corpo das emoções, e assim vai até completar os sete corpos.

Como nós vemos, são funções. Cada corpo dessa escala teosófica corresponde a uma função do ser. O corpo mental é o pensamento. O corpo astral, como eles dizem, é o corpo dos desejos. É o corpo em que funciona a percepção é o corpo perispiritual, é o corpo de captação da realidade na sua ligação.

Esse corpo chamado perispírito, no espiritismo, é um elemento vital, que permite às sensações captadas pelo corpo físico serem transmitidas ao espírito. Então, nós vemos que tudo isso são funções. Mas, se nós vamos "descascar" o homem, tirar suas várias capas, seus vários corpos, então, nós podemos ver que, a cada corpo que tiramos, nós negamos ao homem uma função. Se você tirar o corpo mental do homem, ele deixa de ter mente, ou seja, sua mente não funcionará.

Eu acho que isso é uma aplicação do número sete, no seu sentido cabalístico, a uma doutrina interpretativa do mundo, do homem, da vida. Uma grande doutrina. Eu respeito muito a teosofia. Antes de ser espírita, eu fui teosofista. Eu pertencia a uma ordem teosófica do Rio de Janeiro, a Perseverança. E aprendi muito de teosofia. Respeito a teosofia mundial. Porque existe aqui uma teosofia brasileira que, infelizmente, pelo que eu vi, está para a teosofia mundial na mesma posição da umbanda para o espiritismo. A umbanda teosófica. É uma teosofia que tem sede aqui em São Lourenço. E, uma ocasião, eles até promoveram uma concentração teosófica para assistirem à descida de um disco voador. Saiu uma reportagem nos jornais aqui de São Paulo. Eles foram lá com toda aparelhagem para fotografar ao disco voador. Eles estiveram lá mais ou menos uma semana esperando

o disco voador chegar. De acordo com a teoria da Sociedade Brasileira Teosófica, não da mundial, os discos voadores vêm do próprio interior da terra. Existe lá uma cidade, um misterioso país no oco da terra. Infelizmente, à última hora, veio um comunicado do comando geral dos discos voadores de que a descida do disco havia sido adiada.

Então, eu respeito muito a teosofia mundial como uma grande doutrina, que felizmente é elaborada por criaturas de elevada cultura e inteligência. Por exemplo, Madame Blavatsky foi uma das potências intelectuais do mundo, uma das mulheres mais cultas e inteligentes de que se tem notícia. Ela elaborou uma obra grandiosa. E, depois dela uma outra mulher, também, que era extraordinária.

Mas, é preciso lembrar que a teosofia se desenvolve com base nas tradições da Índia. Todo elemento fundamental da teosofia decorre dessas tradições. As informações, por exemplo, das grandes religiões indianas sobre a situação do homem, que estão sendo interpretadas.

Madame Blavatsky se interessou pelo espiritismo. Em Nova Iorque, ela assistiu a uma sessão espírita em que houve manifestação de espíritos inferiores. Ela era uma grande médium e teve muito má impressão daquilo e, então, formulou uma teoria, que é a teoria dos cascões astrais. Não sei se alguém já ouviu falar nisso.

Os cascões astrais são o seguinte: quando nós morremos, nós deixamos na terra o nosso cascão material, que é o nosso corpo, o nosso cadáver que fica ali. E nós partimos com o nosso corpo espiritual, que é o perispírito. Mas, chegando lá no espiritual, se temos uma resolução suficiente para isso, nós abandonamos também o perispírito. Nos libertamos dele. O perispírito não se dissolve na terra. Ele é um elemento astral, como dizem, ou, como nós dizemos no espiritismo, um

elemento semimaterial, constituído do fluído universal. Portanto, de energias espirituais e materiais em conjugação.

Esse cascão astral fica flutuando no espaço, abandonado, como se fosse um corpo levado pelo vento. Um balão vazio. Madame Blavatsky apresentou essa hipótese sobre os cascões astrais e disse que as manifestações espíritas foram dadas por espíritos elementares. De acordo com a teoria teosófica, são os espíritos que, na sua evolução, vinda dos reinos inferiores da natureza, chegaram à condição de entrarem para a humanidade, mas, ainda não entraram. Eles são elementares do ponto de vista humano. Os espíritos dotados de inteligência costumam revestir-se desses cascões. Então, estou passando por aí e vejo um cascão astral, como um menino que pega um balão de mecha apagada. Eles entram dentro desse cascão, vêm para a sessão e estabelecem uma comunicação, como sendo o espírito que abandonou aquele cascão.

A teoria é interessante e bem forjada. Mas acontece que os elementos da memória, da lembrança, de tudo isso, não estão no cascão. É um erro de compreensão do problema do corpo espiritual. De acordo com a doutrina espírita, esses elementos não estão no perispírito. O perispírito é um corpo como um corpo físico. Agora que o espírito perdeu o perispírito, todas as suas lembranças, tudo aquilo que o caracteriza, toda a sua personalidade fica no espírito e não no corpo. O corpo astral seria o cadáver. O cadáver astral. Nada mais que isso. Quer dizer, então, que não haveria condições para isso. Mas ela formulou essa doutrina, que até hoje é sustentada por muitos teosofistas.

Há uns cinco anos atrás, o Brito, secretário da Sociedade Teosófica Mundial no Brasil, que tem sede perto do quartel de bombeiros ali na rua Anita Garibaldi, me convidou para fazer uma palestra lá na Sociedade Teosófica. Eu disse:

"Eu faço a palestra, mas, eu não vou falar sobre teosofia porque eu sou espírita. Agora, se vocês quiserem, eu faço uma palestra comparando a teosofia com o espiritismo". Ele aceitou e até achou muito bom; eu fiz a palestra. Fiz uma exposição rápida do tema, estabelecendo comparações. Foi muito curioso.

O espiritismo, como nós sabemos, começa em 1857, com a comunicação do *Livro dos Espíritos*. A teosofia apareceu em 1875. Quer dizer, 1857 nasce o espiritismo, em 1875, a teosofia. A inversão numérica pode não ter sentido nenhum, mas, pelo menos nos dá a impressão de qualquer coisa relacionada. O que deu significado a isso foi a teoria levantada pelo senhor Sinnet, que foi um grande presidente da Sociedade Teosófica Mundial e um grande teórico da teosofia.

Levado pelo pragmatismo da nossa ciência, da nossa sociedade, da nossa tecnologia, o mundo ocidental se afastou da nossa realidade espiritual. Então, as religiões do Ocidente ficaram sendo espécies de religiões primárias, religiões que se servem de símbolos, de alegorias, de afirmações puramente abstratas, sem nenhuma comprovação a respeito dos problemas da vida e da morte, e que faz da morte o mesmo mistério que havia, por exemplo, no Egito antigo. Então, era necessária uma revitalização do espiritualismo no Ocidente. E essa revitalização poderia ser feita em termos adequados ao temperamento ocidental, que nos leva para as coisas práticas. E, por isso mesmo, a ciência se desenvolveu aqui mais objetivamente, num sentido positivo de investigação da matéria, de interrogação da natureza, por assim dizer, para poder chegar a respostas consideradas certas, exatas, sobre os problemas com que nos defrontamos. Só um

desenvolvimento desencadeado nesse plano, sob essa orientação, poderia trazer a possibilidade de um reavivamento espiritual no Ocidente. Assim, surgiu o espiritismo, que realmente, como nós já vimos, tem uma orientação puramente científica. O espiritismo que não se baseia em revelação dadas pelos espíritos gratuitamente e aceito humildemente pelos homens. Não. E não se baseia em revelação dada por nenhum profeta, por nenhum grande revelador, mas que se baseia na investigação dos fenômenos. A investigação dos fenômenos espíritas, levando à descoberta das leis que regem esses fenômenos, provando a existência de entidades espirituais nessas manifestações e só então provocando aquilo que chamamos de diálogo de Kardec com os espíritos.

Kardec estabeleceu um diálogo em que ele apertava os espíritos para que dissessem isso, para dizerem aquilo. E ele insistia continuamente e, estabelecia um controle lógico de todas as respostas, fazendo análises rigorosas para chegar à aceitação ou não daquilo que lhe era dado e tentando sempre a comprovação pela experiência. Os espíritos diziam uma coisa que ele não aceitava. Ele discutia com os espíritos. Mas, depois dessa discussão, ele ia à pesquisa.

Eu sempre cito, por exemplo, aquele caso em que os espíritos disseram a Kardec que havia uma multidão de espíritos que não sabiam que haviam morrido. Continuavam no campo espiritual como se estivessem vivos na terra. Kardec achou isso absurdo, porque um indivíduo que passa por um desastre, perde um braço, uma perna, ou coisa qualquer, sabe que isso aconteceu. Agora, o indivíduo perde o seu corpo e não sabe que morreu, é um absurdo! Eu não posso aceitar isso. Os espíritos disseram simplesmente: "Pesquise. Você elaborou um método de pesquisa que tem dado certo. Pesquise esse fato". E Kardec pesquisou. E ficou assombrado ao ver que

realmente, nas manifestações mediúnicas, muitos espíritos se manifestavam sem saber que haviam morrido. Como hoje nós vemos aqui nas nossas sessões. Quantas vezes não aparece um espírito que não sabe que morreu? É preciso despertá-lo para isso, para o fato de ele ter morrido, de não ser mais uma pessoa carnal.

Kardec viu isso através da experiência. E essa experiência se confirmou no mundo inteiro. Porque quando os espíritos se manifestam nessas condições, até fora do espiritismo, em qualquer meio – porque a mediunidade é uma faculdade humana natural e não é preciso ser espírita para ser médium –, não é preciso estar dentro do espiritismo para ser tomado por um espírito. As manifestações têm sido numerosas e as investigações posteriores a Kardec até hoje comprovaram isso. Ou seja, existem realmente espíritos que não sabem que morreram. Como pode ocorrer isso? Você me pergunta, e o esclarecimento também é dado através da pesquisa.

Kardec teve o cuidado, inclusive, de fazer a evocação da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, de espíritos de vivos. De fazer como, por exemplo, a experiência com as pessoas vivas num laboratório. Ele fazia com espíritos de vivos, na investigação realizada através de sessões, com médiuns. De que maneira? Eram pessoas que se predispunham a serem evocadas, dizendo: "Eu estou às ordens". Foi, aliás, sugestão de um membro da Sociedade. Eram pessoas que se prontificavam a servir para estas experiências. Então, eles faziam o registro na Sociedade com o nome da pessoa, residência. Habitualmente, quais eram as suas horas de repouso. Porque é justamente durante o repouso que é possível o desprendimento do espírito. Mas, apesar disso, havia o controle do guia espiritual dos trabalhos. Kardec não evocava nenhuma daquelas pessoas sem que o guia espiritual dissesse:

"Pode evocar, porque ele está em condições de vir". Então, essas pessoas se manifestavam. E a preocupação de Kardec era identificar perfeitamente o indivíduo. Ele preferia sempre que a comunicação fosse dada através de um médium que não conhecesse o indivíduo que estava sendo evocado. Então, a prova ou, pelo menos, a suposta prova de que era o indivíduo se tornava mais fácil. E através dessas investigações, o que interessava a Kardec era o corpo espiritual. Ele sabia como o indivíduo se sentia desligado do corpo material. E estudando isso, ele foi, então, entrando mais a fundo no conhecimento do corpo espiritual e viu por que o indivíduo pode morrer sem saber que morreu. Porque o corpo espiritual é, por assim dizer, uma duplicata do corpo material. Ele é o verdadeiro modelo do corpo material. O corpo material se desenvolve de acordo com as linhas, com as estruturas do corpo espiritual. Sendo assim, é evidente que o indivíduo, ao morrer, acorde no outro mundo, e nesse outro mundo, acorde sentindo que não é um corpo. O corpo é para ele o fluído dele mesmo.

A idéia da morte implica sempre a idéia de aniquilamento. Uma idéia de passagem para o mundo fantástico. Mas o indivíduo se sente no mundo normal. Um mundo natural, como este nosso mundo aqui. E sente no seu corpo. Sente-se vivo. Então, ele não aceita que morreu. Não quer nem pensar que morreu. Ele acha que aconteceu com ele alguma coisa, que houve um problema qualquer. Ele naturalmente perdeu a consciência, depois retomou-a e está se sentindo longe de casa, longe dos seus, em algum lugar estranho, mas, ele acha que está vivo, que está na terra, porque o mundo espiritual mais próximo da terra, é esse mundo inferior, para onde vão imediatamente os espíritos que morrem, que passam para o plano do lado de lá, esse mundo é também constituído de matéria, como nós sabemos, de matéria mais rarefeita.

Ora, a constituição desse mundo assemelha-se... Ou melhor, a constituição do nosso mundo assemelha-se à deste mundo, porque esse mundo é anterior ao nosso. Então, o indivíduo se sente ali, com o seu corpo, vivendo num local onde existem casas, terra, árvores, animais, todas as coisas que existem aqui na terra. Ele não pensa que morreu. A idéia dele é que ele está vivo, mas, perturbado.

Então, Kardec realmente compreendeu que o indivíduo pode não saber que morreu. Acontece que o corpo espiritual geralmente leva para o lado de lá os sinais, as impressões das doenças sofridas aqui na terra. O indivíduo morreu com uma determinada doença, ele continua no plano espiritual, durante um certo tempo, ainda sob aquela impressão de que ele está doente. Ele precisa sofrer lá um tratamento feito pelos espíritos, no sentido de livrá-lo. E aqueles espíritos mais apegados à vida material, mais difíceis de compreender que realmente morreram, esses sim encontram mais facilidade para o despertar na comunicação mediúnica.

Outro dia, um amigo estava muito preocupado com esse problema e me disse: "O Brasil não é o país do mundo onde o espiritismo está mais divulgado, mais ampliado?" Eu disse: "Realmente é". Então, como fazem, por exemplo, na Europa e outras partes do mundo, onde as sessões espíritas são muito menos numerosas do que aqui e onde têm outras finalidades? Nós sabemos, por exemplo, que na Inglaterra, nos Estados Unidos, na própria França, apesar de haver instituições orientadas pelo espiritismo, há outras que são muito mais numerosas, em que as sessões mediúnicas não são feitas, assim, para a doutrinação de espíritos. São feitas para procurar saber o futuro, para procurar descobrir coisas que possam beneficiar as pessoas. Essas têm sempre um objetivo prático. Então, o que acontece com esses espíritos que passam

para o lado de lá e não sabem que morreram? Na há sessões suficientes.

Até me disse esse amigo: "Vocês fazem essas sessões, duas ou três por semana, mas, quantos espíritos podem se manifestar ali? São muito poucos. E quantos espíritos estão morrendo e indo para o lado de lá?" Acontece que a sessão mediúnica, nesse sentido, é realizada com a intenção de se prestar um serviço às entidades necessitadas. Mas as entidades necessitadas são socorridas do lado de lá, pelos espíritos. E somente aquelas que estão mais apegadas à matéria é que são mais beneficiadas com a comunicação mediúnica. Nem todos os espíritos que passam para lá precisam dessa comunicação. E mesmo aqueles que precisam, podem ser tratados também mais demoradamente do lado de lá, até que possam despertar. Mas, se nós temos a facilidade, através da mediunidade, de prestar um auxílio a esse trabalho, é justo que façamos a nossa parte. Nós damos a nossa contribuição, a nossa ajuda. E os espíritos insistem muito nessa ajuda. Eles dizem que precisam muito disso, porque eles encontram muito mais facilidade em despertar o indivíduo, trazer para uma comunicação mediúnica, do que insistir com ele do lado de lá. Do lado de lá ele está mais livre, mais senhor de si na sua posição. Ele está se sentindo vivo, está sentindo a continuação natural da sua vida. Mas, quando ele chega numa sessão mediúnica, em que é posto em contato com o médium e em que há a ligação vibratória, fluídica entre ele e o médium, e aí é que ele entra naquele processo do princípio vital, ou seja, que ele vai receber, graças à vitalidade do médium, aquela sensação de vida carnal, de que ele só tem lembrança, mas, ele vai receber agora concretamente, com a comunicação mediúnica. Ele se sente envolvido novamente pelos fluidos materiais, pelas vibrações materiais na pele. Então, ele vê

que há uma diferença entre a posição dele lá, no plano espiritual, e aquele momento da comunicação mediúnica. E quando ele consegue ser despertado para isso, é que percebe, prontamente vê a diferença que existe entre uma situação e outra. Então, a comunicação mediúnica auxilia muito na solução desses problemas.

E por isso mesmo, as sessões mediúnicas funcionam quando se destinam a esses trabalhos, como uma espécie daquilo que eu já falei aqui muitas vezes, uma espécie de pronto socorro. Entidades, às vezes, que morreram recentemente são trazidas imediatamente à comunicação mediúnica, havendo possibilidade para isso, porque elas se beneficiam bastante.

Aliás, nesse sentido, houve um caso muito curioso na Sociedade Brasileira dos Espíritas. O senhor Sanson era um materialista. Ao ler o *Livro dos Espíritos*, ele aceitou a doutrina. Concordou que havia muita lógica naquilo e que tudo o que ali havia substituíria com vantagem o seu materialismo. Então, ele se tornou espírita, tendo trabalhado ao lado de Kardec. Foi um grande trabalhador do espiritismo na França. Era um assíduo freqüentador das sessões. Estava presente em todas.

Mas, veio a época de morrer também. Ele já estava velho, adoeceu e mandou uma cartinha a Kardec, pedindo o seguinte: "Eu quero que vocês me evoquem para uma comunicação mediúnica logo após a minha morte. E vou explicar por que quero isso: porque eu tenho a impressão de que o espírito, comunicando-se logo após a morte, perde imediatamente o estado de perturbação em que ele fica ao passar para o lado de lá. E, apesar de eu ser espírita, de ter consciência de que morrendo eu passo para o campo espiritual, é possível que eu também caia nesse estado de perturbação; porque no transe da morte,

a gente não pode controlar racionalmente tudo o que acontece. Eu posso passar e cair num estado destes". Kardec atendeu. O senhor Sanson morreu, estava no necrotério, o corpo exposto para o enterro no dia seguinte. Kardec foi para lá no necrotério com dois médiuns. E ali eles fizeram uma prece em favor do espírito do senhor Sanson e pediram a Deus que, se esse espírito pudesse comunicar-se com um dos médiuns ali presentes, eles gostariam de poder auxiliá-lo. Imediatamente o senhor Sanson manifestou-se. Manifestou-se por um médium daqueles. Conversou com o Kardec. Identificou-se perfeitamente e disse que ele estava muito contente, porque o simples fato de saber que ele ia ser evocado, o simples fato de Kardec ter chegado ali com a presença daqueles médiuns, já o auxiliara bastante. Disse que aquela perturbação começara a desaparecer e ele ficou completamente lúcido. E deu a sua comunicação.

Então, são fatos assim que geraram o espiritismo, que fizeram aparecer a doutrina espírita, baseada nesse estado e nessas investigações. Investigações que, por muito tempo, foram consideradas pela ciência como absurdas. Por quê? Como dizia Kardec: "Os cientistas querem que nós lhes apresentemos o espírito através do microscópio. Mas, acontece que o espírito é invisível. Então, eles não podem aparecer no microscópio. Nós não temos um elemento material para examiná-lo. Podemos apresentar o espírito nas manifestações de materialização direta. Mas os cientistas recusam essas manifestações. Então, nós não temos elementos que possam lhes provar positivamente o espírito. Mas, para nós, essa verdade está provada".

Então, ele firmou aquilo que chamou de ciência espírita. É a ciência da investigação do espírito. Tem uma metodologia própria, um método de investigação estabelecido por Kardec,

que consiste na manifestação e na interpelação do espírito. Através da interpelação, nós obtemos os dados necessários. E pelas manifestações mais concretas de materialização e outras, então, a identificação é muito fácil.

Mas, como nós sabemos, as objeções científicas são objeções que só agora estão caindo. Estão caindo porque o avanço da ciência já atingiu o plano espírita. Podemos dizer que a descoberta da antimatéria foi uma grande descoberta durante alguns tempos na história da ciência, marcando a passagem do plano puramente materialista, objetivista da ciência para o plano subjetivo. Está entrando, realmente, num campo diferente e está comprovando grande parte do espiritismo.

Quando nós entramos na pesquisa russa sobre o corpo bioplasmático, do corpo energético do homem, da descoberta desse corpo cientificamente pelos físicos soviéticos, nós demos o grande passo dado pela ciência, que já descobriu até o perispírito; porque, realmente, o corpo energético de que eles falam é o perispírito. É o corpo modelador do corpo humano e este já é cientificamente admitido no campo da física e da biologia soviética. O corpo é modelador, por isso, é plasmático. E é o corpo que dá vida ao corpo material, por isso que é bio. Bioplasmático. É o corpo essencial do homem.

Ora, eles descobriram isso agora, no entanto, há cem anos se vem sustentando essa tese, já descoberta pelo espiritismo. E a descoberta do espiritismo foi antecedida, como nós sabemos, pela descoberta do apóstolo Paulo.

Na Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo nos dá uma visão perfeita do que é o corpo espiritual. E de uma maneira incisiva, dizendo inclusive que nós temos corpo animal e corpo material. E de que quando morremos, enterra-se

o corpo animal e o corpo espiritual ressuscita. Então, ele chega mesmo a dar nome ao corpo espiritual de corpo da ressurreição. Os mortos ressuscitam nos seus corpos espirituais. Então, vemos que esses problemas se relacionam diretamente com a questão do princípio vital. Por quê? Porque quando nós tratamos da encarnação do espírito, da sua manifestação através de um médium, nós estamos tratando de problemas que existem na carne, na manifestação carnal.

- Quando uma pessoa sofre muito na vida material na terra, isso é sinal de que numa outra encarnação ela fez muito mal e está pagando o mal nesta vida? A lei do carma, como dizem?

- A lei do carma é a lei da causa e efeito. Cada causa tem o seu efeito. Mas, o sofrimento humano nem sempre é kármico. Nem sempre é determinado por ações praticadas no passado. Às vezes, são provas. Nós, no espiritismo, dizemos que existem provas e expiações. A expiação é o pagamento, é o resgate de uma falta cometida. O indivíduo está expiando um mal que ele praticou. Então, isso é expiação. E existe a prova, que é aquela situação em que o espírito é colocado no sentido de acelerar o seu processo evolutivo e também para se avaliar quanto ele já evoluiu. Então, o indivíduo se submete a provas. Antes de vir a terra, ele pede essas expiações, mas, também pede as provas, porque ele não quer passar pela terra apenas por passar. Ele quer passar aqui aproveitando. Ele quer se desenvolver quer se elevar. Então, ele passa por suas próprias expiações. Muitas vezes, pelos motivos mais diversos na vida humana, enfrentamos as mais diferentes situações, as mais inesperadas. Então, também as provas são as mais diversas possíveis. O indivíduo pode querer, por

motivos que nós não suspeitamos, passar por determinada prova dolorosa, que ele ache que vai ser benéfica para si. Ele pede aquela prova e ela lhe é concedida. Porque sempre os pedidos do espírito, neste sentido, são sempre julgados por espíritos mais elevados, que conhecem a evolução do espírito, o processo evolutivo, e sabem verdadeiramente do que ele carece. Às vezes eles concedem, às vezes, não. Às vezes o espírito pede uma prova muito intensa e aqueles mais elevados, analisando, dizem que ele não vai suportar essa prova. Não tem condições ainda. As suas condições morais, as suas forças morais não dão para enfrentar essa prova. Então, eles diminuem a prova, Ou seja, concedem uma prova menor. Atendem o espírito, mas, em parte.

- Seria como uma promessa, que normalmente os católicos fazem?

- Mais ou menos. Os católicos fazem uma promessa a um santo para obterem uma graça. A prova não é propriamente isso. A prova é justamente no sentido de o espírito exercitar, de ele adquirir uma nova possibilidade de ação. Desenvolver suas potencialidades.

- Se nós formos considerar toda a existência, nós realmente programarmos, em termos...

- Ela não é uma programação, assim, esquemática, rígida, porque o espírito é uma criatura livre. O que caracteriza o espírito humano é a sua liberdade. Nós sabemos que os animais também têm espíritos. Pessoas que não estejam habituadas, neste sentido, podem se assustar. Os animais também têm espíritos. Mas, os espíritos dos animais são espíritos ainda

em fase muito inferior à evolução. Então, eles não têm a capacidade de se dirigir por si mesmo. Eles estão sujeitos às leis da natureza. Eles são dirigidos pelos seus instintos. Os instintos, como nós sabemos hoje, decorrem das suas necessidades orgânicas, necessidades vitais do animal. Mas, na escala superior de evolução do próprio reino animal, os animais também vão atingindo o desenvolvimento da sua inteligência.

Há uma comunicação de Lazaro sobre os instintos, publicada no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, que concorda com o princípio do *Livro dos Espíritos*. Os instintos são a inteligência em forma rudimentar. Ou seja, é o processo de formação da inteligência. Então, esses espíritos animais estão sujeitos a isso. Mas, o espírito humano goza do livre-arbítrio. O livre-arbítrio, como nós sabemos, não é uma liberdade absoluta, que não pode existir no nosso plano. No nosso plano tudo é relativo. Nós não saberíamos nem definir como seria a liberdade absoluta, porque toda liberdade pressupõe um condicionamento. Eu posso ser livre dentro desta sala. Eu posso ser livre na rua. Eu posso ser livre no mundo. Mas a minha liberdade, no meio físico, é condicionada pelo meio cultural em que vivo, pelas normas da sociedade em que estou e assim por diante, pelas leis do país e, às vezes, até pela polícia. A minha liberdade é condicional. Não é uma liberdade absoluta. Assim, toda liberdade humana, sendo condicionada, faz com que também a nossa vida seja programada; ela é programada com largueza, no sentido de oferecer campo para o exercício do livre-arbítrio. Então, na nossa vida, os momentos determinados mais rigidamente são o do nascimento e o da morte. Isso é uma viagem, então, tem o ponto de partida e de chegada. Isso é fatal. Agora, a maneira de ir, o senhor pode ir de automóvel, pode ir de avião, pode

ir a pé. O senhor pode fazer escala na viagem e parar no meio do caminho. Então, essa é a liberdade que nós gozamos dentro do esquema do destino, o esquema dentro do qual nós vamos nos movimentando. E, de certa maneira, nós podemos até modificar o destino. Porque a nossa vida tem o objetivo de atingir o nosso desenvolvimento interno, o desenvolvimento do nosso espírito. Ora, se nós conseguirmos um determinado espaço através de um esforço pessoal, nós conseguirmos atingir um ponto que deveríamos atingir mais tarde, aquele ponto lá já não é mais necessário. Ele é substituído por outro.

- Houve um caso interessante de telepatia. Foi manifestação do espírito ou foi o imaginário dela? Ela apareceu às dez horas. Às três horas da madrugada, ela, que estava no estado de coma, me acordou. Puxou meu pé. Eu fui ver, ela estava ainda em estado de coma. Estava com a enfermeira. Eu fui trabalhar e às dez horas da manhã ela havia falecido. É a telepatia, como diz a parapsicologia, ou é mediunidade? Porque ela era médium. Ou é o perispírito que se manifestou?

- É claro que, na agonia, no estado de coma, o espírito dela já podia se desligar do corpo. Apenas o corpo está passando pelo desprendimento das últimas ligações com o espírito. Os elementos espirituais que ainda estão no corpo estão se desligando.

(